PUBLICAÇÃO ANTECIPADA

Rastros no arquivo: a fotografia e a decolonialidade nas disputas pelo imaginário de Curitiba

Huellas en el archivo: la fotografía y la decolonialidad en las disputas por el imaginario de Curitiba

João Cubas Martins[1], Maíra Rossin Gioia de Brito[2]

[1] Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil · ROR: https://ror.org/05syd6y78 · autoria correspondente: joaocubas@ufpr.br

[2] Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil · ROR: https://ror.org/05syd6y78

ESTE CAPÍTULO		OBRA EM PREPARAÇÃO	
DOI	https://doi.org/10.56365/whm5h732	Título	A cidade enquanto fenômeno de análise das Ciências Sociais
Recebido em	12/11/2026	Organização	Muryel Moura dos Santos; Jesus Marmanillo Pereira; Gessyelle Catarine da Silva
Aceito em	14/11/2026	ISBN	-
Publicado online	19/11/2026	DOI da obra	https://doi.org/10.56365/k4xtb027
Versão	v1	Previsão	2026
Idiomas	Português - Espanhol	Avaliação	06/11/2026
Licença	CC BY 4.0	Pareceristas	Organização da obra

Bloco preenchido pela equipe editorial. Não escreva nesta área.

COMO CITAR

AGORA	Martins, J. C., & Brito, M. R. G. de (2026). Rastros no arquivo: a fotografia e a decolonialidade nas disputas pelo imaginário de Curitiba. In M. M. dos Santos, J. M. Pereira, & G. C. da Silva (Orgs.), A cidade enquanto fenômeno de análise das Ciências Sociais - publicação antecipada. Scientia International Press; Editora CLAEC. https://doi.org/10.56365/whm5h732
DEPOIS	*A referência recebe o título definitivo da obra, o ISBN e o intervalo de páginas quando o livro completo for publicado. O DOI e a data de publicação antecipada não mudam.*

Resumo

Este capítulo propõe a análise de acervos fotográficos como uma forma de contrapor a narrativa hegemônica de cidade-modelo, ecológica e europeizante de Curitiba (PR), construída por elites políticas e técnicas desde os anos 1970. Com base na perspectiva decolonial e nas noções de colonialidade do ser e desobediência epistêmica, a pesquisa propõe um olhar diferente sobre a história e a produção do espaço urbano. Para tanto, mobilizam-se os conceitos de operação historiográfica, de imaginários urbanos e de lugares de memória para apresentar acervos fotojornalísticos como "rastros" da memória de conflitos socioespaciais que contrapuseram o discurso dominante. Conclui-se que a análise crítica dessas imagens contestatórias pode desestabilizar o mito urbano hegemônico e restituir a pluralidade de vozes, memórias e dinâmicas de reexistência urbana de sujeitos subalternizados.

Palavras-chave: fotografia, memória, decolonialidade, imaginários urbanos, Curitiba

Resumen

Este capítulo propone el análisis de acervos fotográficos como una forma de contraponerse a la narrativa hegemónica de ciudad modelo, ecológica y europeizante de Curitiba (PR), construida por élites políticas y técnicas desde los años 1970. Con base en la perspectiva decolonial y en las nociones de colonialidad del ser y desobediencia epistémica, la investigación propone una mirada diferente sobre la historia y la producción del espacio urbano. Para ello, se movilizan los conceptos de operación historiográfica, imaginarios urbanos y lugares de memoria para presentar acervos fotoperiodísticos como "huellas" de la memoria de conflictos socioespaciales que se contrapusieron al discurso dominante. Se concluye que el análisis crítico de estas imágenes contestatarias puede desestabilizar el mito urbano hegemónico y restituir la pluralidad de voces, memorias y dinámicas de reexistencia urbana de sujetos subalternizados.

Palabras clave: fotografía, memoria, decolonialidad, imaginarios urbanos, Curitiba

Introdução

As cidades estão envolvidas em uma dimensão simbólica indispensável a quem deseja conhecer sua trajetória. Suas esquinas, prédios, estruturas e pessoas estimulam acontecimentos, identidades e coletivos, por meio de simbolismos que caminham entre hegemonias e contrapontos. Nesse sentido, para entender aspectos que formaram a identidade da cidade, a historiadora Stella Castanharo (2025) sugere que percorrer o seu território é importante para o exercício da rememoração, uma vez que "a lembrança pode ser evocada voltando ao local em que aconteceu determinado fato ou a partir de um local específico que o sujeito procura reconstruir uma memória" (Castanharo, 2025, p. 71).

Uma forma de caminhar sobre esses cenários é por meio de acervos fotográficos, que podem ser considerados lugares de memória. Pierre Nora (1993) define os lugares de memória como unidades significativas, de ordem material ou ideal, que a vontade das pessoas ou o trabalho do tempo converteram em elementos simbólicos de uma determinada comunidade. Eles surgem quando a memória viva começa a se esvair, quando há uma percepção de ruptura com o passado. Não são a memória em si, mas mediações, "restos" onde a memória se cristaliza e se refugia.

As imagens ali contidas não são meros registros neutros, mas seleções, enquadramentos e narrativas que participaram ativamente da construção de uma memória sobre as transformações urbanas.

Sendo assim, é possível dizer que a memória produzida sobre a cidade de Curitiba (PR) talvez tenha sido enquadrada por um aparato de determinada oficialidade, com intencionalidades a partir de um grupo detentor do poder político. Assim, as fotografias podem reafirmar memórias individuais dos habitantes da cidade e contrapor-se a algum lugar-comum mais central. Esse constante movimento da memória, de instaurar temporalidades,

coletividades e espacialidades, via narrativa, é o que Amormino (2024) define como um "gesto em movimento".

Dessa maneira, este texto pretende, por meio de uma revisão bibliográfica e com o acionamento de elementos empíricos, mostrar como a análise de acervos fotográficos pode trazer novos olhares sobre um tempo passado. A proposta está estruturada da seguinte forma: apresentamos a construção do cenário da cidade-modelo pelo discurso oficial; as iniciativas da população que contrapuseram esse discurso; e como acervos fotográficos podem ser prova documental de um contraponto ao cenário projetado.

Assim, justificamos como a análise do acervo pode se opor a uma narrativa hegemônica sobre o espaço urbano da capital paranaense. A reflexão pauta-se, ainda, na perspectiva decolonial, uma vez que a análise ganha densidade ao permitir conectar essa experiência situada a estruturas históricas de poder. A proposta estabelecida pode ser comparada à dinâmica da hegemonia do pensamento ocidental, que impõe um padrão de racionalidade supostamente universal e neutro, obrigando as demais culturas e formas de saber a abandonarem suas lógicas em favor dos parâmetros eurocêntricos (Mignolo, 2017). Além de afetar a geopolítica do conhecimento, esse processo impactou diretamente a subjetividade e a identidade das populações colonizadas, o que é definido como "colonialidade do ser". Essa dimensão evidencia que o poder colonial (aqui representado pelo grupo detentor do poder) ultrapassou o controle político e econômico para criar uma hierarquização do próprio ser humano, utilizando a racialização como mola propulsora para posicionar os próprios interesses em uma condição permanente de superioridade, deixando que parte da população seja privada do direito à existência. Assim, a "colonialidade do ser" é fundamental na reflexão aqui proposta, pois estimula a pensar sobre a restituição do valor pleno da vida dos sujeitos marginalizados.

Cenário projetado

Desde os anos 1970, Curitiba converteu-se em sinônimo internacional de planejamento urbano bem-sucedido. A imagem da "cidade-modelo" ordeira, arborizada, eficiente, descendente de europeus e com qualidade de vida foi construída por grupos políticos apoiados em decisões técnicas e em uma robusta operação discursiva (Sánchez, 1997). Essa imagem, difundida dentro e fora do Brasil, tornou-se um verdadeiro mito (Oliveira, 2000): o de uma cidade que teria resolvido, por meio da racionalidade técnica de seus urbanistas, os dilemas típicos da urbanização latino-americana.

Esse olhar sobre a cidade corresponde a um discurso que surge das maquetes do planejamento e se materializa como promessa de realização para o cidadão, em especial a

partir da ascensão do grupo político do ex-prefeito Jaime Lerner[1], nas décadas de 1970 e 1980.

Oliveira (2000) sintetiza esse processo como uma narrativa desenvolvimentista que, ao consolidar a imagem de Curitiba como cidade modernizada e embelezada, pode ter ocultado tensões sociais, impactos ambientais e desigualdades espaciais inerentes ao próprio processo de modernização.

Paul Ricoeur (2007) oferece uma chave para compreender por que a "cidade-modelo" pôde se consolidar como memória hegemônica: a memória, para o filósofo, é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. É essa configuração narrativa que abre espaço para os usos ideológicos da memória.

Assim, a ideologia opera por distorção da realidade, por legitimação do sistema de poder e por integração do mundo comum em torno de símbolos que naturalizam determinada ordem. Dessa forma, o discurso da cidade-modelo pode ser lido como um abuso da memória (Ricoeur, 2007) em direção aos polos de um poder que se legitima pelos argumentos técnicos e consensuais.

A construção da imagem de Curitiba como "cidade ecológica", "capital da qualidade de vida" ou "cidade-modelo" é um exemplo da força dos imaginários urbanos. O conceito de imaginário urbano refere-se ao conjunto de representações, símbolos, discursos e afetos que uma sociedade constrói sobre sua cidade. Não se trata de uma cópia fiel da realidade material, mas de uma interpretação coletiva que molda a percepção e a experiência do espaço urbano (Silva, 2001). Como argumenta Jacques Le Goff (1994) sobre o imaginário medieval, ele é um motor da história, influenciando comportamentos e decisões.

No contexto urbano, os imaginários são produzidos e disputados por diversos atores sociais, incluindo a mídia, o poder público, os movimentos sociais e os próprios habitantes. No caso de Curitiba, a produção desse imaginário pode ser compreendida a partir do que Silva (2001) define como uma "produção fantasmal", que marca um comportamento ou uma reação social a determinados usos da cidade. Basta pensar nos grandes parques, na Rua XV de Novembro ou nos ônibus biarticulados que caracterizam o transporte coletivo na capital do Paraná.

A força dessa projeção, no entanto, impediu que muitos moradores se inserissem nesse cenário. A favelização, as disputas territoriais nas periferias e a organização de um movimento popular de moradia são outros lados desse processo hegemônico, em que nem

1 Jaime Lerner (1937-2021) foi um engenheiro civil, arquiteto urbanista e político brasileiro. Foi governador do Paraná por dois mandatos e prefeito de Curitiba três vezes.

tudo é exemplar. Além disso, reforçam a colonialidade do ser quando determinam que alguns terão mais acesso que outros.

Dessa forma, outros personagens podem oferecer olhares sobre a cidade que vão além desse discurso oficial. Submeter as memórias desse período ao exame da cobertura fotojornalística pode restituir a pluralidade de vozes que ficaram longe dos imaginários urbanos (Silva, 2001) pensados pela oficialidade.

Cenário real

O principal problema observado no processo de urbanização de Curitiba é que não houve uma inserção da questão da moradia no planejamento e, por consequência, no discurso da cidade-modelo (Albuquerque, 2008). Enquanto engenheiros e arquitetos curitibanos projetavam eixos viários e comerciais sobre áreas ainda inabitadas, a população de baixa renda ocupava, de forma irregular, os terrenos remanescentes, sobretudo em regiões alagadiças e periféricas. Lúcio Kowarick (2000) nomeia esse fenômeno de espoliação urbana: a "ausência ou precariedade de serviços de consumo coletivo que, conjuntamente com o acesso à terra, se mostram socialmente necessários à reprodução urbana dos trabalhadores" (Kowarick, 2000, p. 8).

Essa espoliação convivia com um discurso público que estigmatizava seus próprios efeitos. As tentativas de organização dos moradores, com apoio de entidades ligadas à Igreja Católica e ao movimento estudantil, encontraram uma oficialidade que condenava esses moradores. Para a prefeitura e os órgãos responsáveis pelo urbanismo e pela habitação, os favelados eram pessoas que deviam assumir novos hábitos, valores e um novo esquema de vida dentro da realidade urbana, segundo a ideia de integração à cidade-modelo nos moldes que os planejadores desejassem.

O Plano de Desfavelamento de Curitiba (1976) conceitua o favelado como:

> [...] pessoa de baixo padrão cultural e social, que mora em sub-habitação agrupada sob a forma de favela, esta entendida como um conjunto de casebres rudemente construídos com restos de materiais desprovidos de condições higiênico-sanitárias e levantadas em terrenos baldios ou às margens dos rios (Curitiba, 1976, art. 3º).

A principal batalha dos movimentos populares durante anos foi a legalização e a urbanização dos terrenos ocupados. Assim, surgem as primeiras associações de moradores em Curitiba: as de Vila Formosa, Vila Maria e Vila Nossa Senhora da Luz (Tonella, 2005). Com apoio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as associações coordenam as primeiras ocupações de terra, com o apoio da Comissão de Justiça e Paz do Paraná, da Pastoral Operária e da Pastoral da Terra (Neves, 2006).

Segundo Kowarick (2000), essas lutas refletiam as relações políticas entre as classes, em particular a luta pela ocupação-transformação do Estado, que marcou o processo de redemocratização do país. Nesse contexto, os participantes, ainda que inconscientes, faziam parte da recomposição da classe dirigente da sociedade vigente e do seu sistema de mando (Neves, 2006).

Ao mesmo tempo, houve tentativas de inserção dessas populações em políticas que as deixavam onde estavam, com acesso precário à saúde, às escolas, ao saneamento e à parte central da cidade.

Enquanto isso, para Jaime Lerner e seu grupo político, tudo acontecia no palco da cidade, porque ela era o cenário do encontro, da grande festa do viver urbano. O cenário, assim como o transporte, induzia a ocupação futura, a direção do crescimento, o encontro, a animação nos parques e bosques (Lerner, 1977).

Exemplos dessa construção estão na valorização étnica de locais de lazer como o Bosque do Papa (em homenagem ao papa polonês João Paulo II), o Bosque Alemão e o Bosque Zaninelli (de uma família italiana), criados entre os anos 1980 e 1990 para valorizar os imigrantes, dentro das aspirações europeizantes de Curitiba. Esses lugares serviram também ao turismo, relacionado a uma mudança na ênfase econômica. Se nas décadas de 1960 e 1970 os diagnósticos econômicos convergiam no sentido da industrialização, a partir de meados da década de 1980 os administradores de Curitiba e de muitas cidades do país buscavam tornar-se polos de serviços e, para isso, investiam nas possibilidades turísticas. Nesse sentido, Silva (2022) reforça os reflexos dessas instalações na cultura atual da cidade:

> A manutenção da ideologia da cidade-modelo é reforçada pelos discursos do ufanismo de 'ser curitibano', nestes equipamentos que procuram retomar as origens europeias da cidade, em certa estética que alimenta uma cidade para atração turística [...] (Silva, 2022, p. 26).

Essa estética deixa de lado os migrantes do interior do estado, que com o êxodo rural ocuparam as áreas periféricas e não tiveram acesso, em muitos momentos, a essa cidade gentrificada que aludia à Europa. Para Silva (2022), uma forma de romper essa dominação da cidade-modelo é expor o contraponto entre as regiões centrais e as mais periféricas: "A denúncia e a mudança passam por expor as terríveis desigualdades [...] o racismo estrutural e a fome que assombra os também cidadãos curitibanos" (Silva, 2022, p. 33).

A prova documental

Diante desse processo de recorte ideológico e idealista da cidade, Ricoeur (2007) propõe a submissão de documentos, fotografias e relatos da época à operação historiográfica. Fundado no tripé rastro, documento e pergunta, o processo historiográfico cumpriria a função

de ampliar, corrigir e criticar a memória, compensando suas fraquezas cognitivas e pragmáticas.

Para o autor, nada é documento em si mesmo. Seu valor vem de tudo aquilo que pode ser interrogado por um pesquisador com a intenção de nele encontrar informações sobre o passado. São outros olhares, questionadores, que podem ser dirigidos às fotografias dos jornais de época, aos relatórios dos órgãos oficiais ou às pessoas que participaram dos movimentos sociais ou da produção comunicacional. As respostas e seus consequentes significados podem transformar vestígios dispersos em registros históricos.

Uma fonte que pode trazer outros olhares sobre a cidade de Curitiba está no acervo dos jornais *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná*, que constituíram, ao longo de seis décadas de atividade, um dos mais significativos acervos de fotojornalismo do Brasil. Estima-se que cerca de 19 milhões de imagens estejam em um depósito mantido pelo jornal *Gazeta do Povo*, atual proprietário das marcas, desde dezembro de 2011. O acervo, parcialmente catalogado em iniciativas individuais de alguns dos seus colaboradores durante a sua formação, aguarda iniciativas para uma plena organização. A despeito de algumas perdas e roubos ocorridos antes desse período, estima-se que toda a cobertura local ocorrida entre 1951 e 2011 esteja nesse arquivo (Fernandes, 2018).

A análise preliminar das fotografias revela algumas coberturas que trouxeram imagens mais distantes do ideal de cidade de que falamos anteriormente, como enchentes e falta de saneamento em bairros como Cajuru e Xaxim; as disputas ocorridas na região da Vila Formosa, pertencente ao bairro Novo Mundo; e iniciativas como os protestos organizados durante o Dia do Trabalhador entre o final dos anos 1970 e os anos 1980. Esses cenários revelam processos de exclusão socioespacial e as formas de resistência e apropriação do espaço por parte dos grupos subalternizados, e podem ser categorizados em três grupos: falta de estrutura, conflitos fundiários e iniciativas populares.

Além disso, as próprias fotografias, como argumenta Kossoy (2012), são construções que refletem intenções e contextos de produção. Elas podem reforçar memórias oficiais, mas também podem conter "rastros" de memórias subterrâneas ou contestatórias. A análise do acervo como um dispositivo de memória e esquecimento permitirá compreender não apenas o que foi registrado, mas também como foi registrado, por quem, para quem e com quais possíveis efeitos na construção da memória urbana de Curitiba.

Rastros de um caminho possível

Boris Kossoy (2012) argumenta que toda fotografia é uma construção que reflete intenções e contextos de produção: uma imagem pode reforçar a memória oficial, mas

também pode conter, em seus detalhes, rastros de memórias contestatórias. Michael Pollak (1992, p. 204), por sua vez, lembra que, na seleção fotográfica, "nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado". Assim, a captura de um instante nunca é abrangente, e sua transmissão carrega lacunas adicionais, de modo que a narrativa fotográfica resultante é sempre parcial em relação à vivência real.

Dessa forma, essas fotografias de jornal não devem ser tomadas nem como prova cabal da desordem periférica que o discurso oficial lhes atribuía, nem como evidência automática da resistência popular. Elas são, isso sim, rastros de um conflito que a imprensa de época, alinhada em maior ou menor grau ao projeto hegemônico de cidade, explorou por ângulos e intencionalidades que os relatos dos fotógrafos que as produziram e das pessoas que participaram das ações poderão confirmar ou contrapor.

Nesse ponto, Beatriz Sarlo (2007) contribui com o conceito de pós-memória. Trata-se da lembrança daquilo que não se viveu diretamente, mas que se reconstrói a partir do que terceiros disseram: a escola, a família, os museus, os filmes, os meios de comunicação. Conforme observa a autora, essa memória mediada se caracteriza por ser a da geração seguinte àquela que protagonizou os acontecimentos, a "geração dos filhos".

Pesquisadores que hoje reconstituem, a partir de um acervo fotográfico e de relatos, a memória das ocupações curitibanas das décadas de 1970 e 1980 ocupam posição análoga: sua relação com esse passado não é pessoal, no sentido familiar, mas se dá por meio da memória produzida institucionalmente, inclusive a aqui criticada.

Reexaminar essas imagens hoje, com o distanciamento crítico que Sarlo (2007) reivindica, é uma forma de observá-las com um olhar diferente daquele com que foram produzidas.

Essa mesma exigência de distanciamento crítico é o que valida, no âmbito desta proposta, o exame do acervo fotográfico da imprensa e de relatos dos seus participantes. Não como confirmação do discurso oficial, tampouco como sua simples inversão romântica, mas como um outro olhar, crítico e sempre incompleto, sobre a cidade.

Como observa Sarlo (2007), o ciclo entre memória, narrativa e documento nunca se fecha por completo. Sempre haverá um outro filtro, uma outra abordagem, outros dados a serem incorporados por futuros pesquisadores e testemunhas. Portanto, nosso objetivo não é substituir um mito por outro, mas oferecer outros olhares possíveis sobre um mesmo território, sem prejuízo das leituras já consolidadas sobre o urbanismo curitibano.

Considerações finais

A análise do acervo permite tensionar o mito da Curitiba europeizada e modelo urbanístico, revelando como as narrativas visuais oficiais operaram o silenciamento das populações periféricas, historicamente invisibilizadas. Assim, é possível afirmar que a memória produzida sobre a cidade de Curitiba (PR) foi historicamente estruturada pela matriz colonial de poder, consolidando uma oficialidade que privilegiou a narrativa da eurocentralidade e do progresso urbano, à custa do apagamento de corpos e saberes subalternizados.

As intencionalidades do grupo detentor do poder político delinearam uma cartografia visual e simbólica hegemônica; contudo, a utilização de fotografias e de outros arquivos emerge como uma força de desobediência epistêmica. Essas imagens contrapõem-se ao lugar-comum oficial ao visibilizar memórias individuais e coletivas. Esse "gesto em movimento" de instaurar outras memórias sobre a cidade opera aqui como uma decolonização do olhar e como reexistência urbana.

A presente proposta é um passo inicial e um convite a uma reflexão sobre os locais que ocupamos e a sua constituição ao longo do tempo. É dessas interseções entre movimentos institucionais e outros socialmente organizados, e de uma análise crítica que respeita o rigor documental, que podem surgir outros possíveis olhares sobre a cidade.

Declarações

Financiamento. Não informado no manuscrito.

Conflitos de interesse. Não informados no manuscrito.

Ética em pesquisa. Não se aplica. Pesquisa bibliográfica e documental, baseada em fontes publicadas e em acervo fotojornalístico.

Uso de inteligência artificial. Não informado no manuscrito.

Disponibilidade de dados. As fontes analisadas estão indicadas nas referências. O acervo fotográfico citado pertence ao jornal Gazeta do Povo.

Contribuição das autorias. Não informada no manuscrito.

Referências

ALBUQUERQUE, Aline Figueiredo de. *A questão habitacional em Curitiba*: o enigma da cidade modelo. 2008. Dissertação (Mestrado em Habitat) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: https://doi.org/10.11606/D.16.2008.tde-20052010-092803.

AMORMINO, Luciana. *A memória coletiva em perspectiva*: ensaios sobre a memória como gesto a partir de narrativas de uma cidade-trapeira. Curitiba: Appris, 2024.

CASTANHARO, Stella Titotto. *Os passados no presente*: espacialidades e memórias sobre a ditadura civil-militar em Curitiba (1964-2024). 2025. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025. Disponível em: http://hdl.handle.net/1884/97985. Acesso em: 4 ago. 2026.

CURITIBA. Lei nº 5.358, de 31 de maio de 1976. *Institui o Plano de Desfavelamento do Município de Curitiba e dá outras providências*. Curitiba: Câmara Municipal, 1976. Disponível em: https://legisladocexterno.curitiba.pr.gov.br/VisualizarHTML.aspx?id=22998. Acesso em: 26 ago. 2026.

FERNANDES, José Carlos. Processo de salvamento de um acervo: a coleção de imagens dos jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018. *Anais* [...]. 2018. p. 1-7.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos urbanos*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

LERNER, Jaime. *A cidade*: cenário do encontro. Roteiro do filme produzido em outubro de 1977.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, e329402, 2017.

NEVES, Lafaiete Santos. *Movimento popular e transporte coletivo em Curitiba (1970-1990)*. Curitiba: Editora Gráfica Popular: Cefuria, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Dennison de. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Calçadão da Rua XV faz 50 anos. *Portal da Prefeitura de Curitiba*, Curitiba, 19 maio 2022. Disponível em: https://www.curitiba.pr.gov.br/noticiasespeciais/calcadao-da-rua-xv-faz-50-anos/23. Acesso em: 20 set. 2026.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SÁNCHEZ, Fernanda. *Cidade espetáculo*: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Palavra, 1997.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*: intelectuais, arte e meios de comunicação. Tradução de Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edusp, 2005.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2001.

SILVA, Josete Dubiaski da. [Entrevista cedida a] Rosa Moura. *In*: MOURA, Rosa; FREITAS, Olga L. C. de. *Reforma urbana e direito à cidade*: Curitiba. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

TONELLA, Celene. O movimento popular por moradia e a questão urbana em Curitiba (1986-1992). *Diálogos*, Maringá, v. 9, n. 3, p. 79-96, 2005.